

OBRA RESENHADA / REVIEWED WORK

CASSEB-GALVÃO, V. C.; BARROS, D. M. de; BERTOQUE, L. A. D. P.
Construções de voz no Português Brasileiro: norma, uso e funcionalidade. 1. ed.
Goiânia: Cegraf, 2022.

Mariane SALTON¹

Pablo Jardel Oliveira DO ROSÁRIO²

RESUMO: Nesta resenha, divulga-se a obra *Construções de voz no Português Brasileiro: norma, uso e funcionalidade*, de Casseb-Galvão, Barros e Bertoque (2022). Teoricamente, os capítulos que compõem o livro se filiam à perspectiva cognitivo-funcional, que conjuga pressupostos da abordagem construcional e do funcionalismo. Assim, é feita a análise e distinção dos seguintes tipos de voz: ativa, passiva, média, recíproca, impessoal e adjetival.

PALAVRAS-CHAVE: funcionalismo; cognição; construções de voz.

ABSTRACT: This review discloses the work *Construções de voz no Português Brasileiro: norma, uso e funcionalidade*, by Casseb-Galvão, Barros and Bertoque (2022). Theoretically, the chapters that make up the book are affiliated with the cognitive-functional approach, which combines assumptions from the constructional approach and functionalism. Thus, the following types of voice are analyzed and distinguished: active, passive, average, reciprocal, impersonal and adjectival.

KEYWORDS: functionalism; cognition; voice constructions.

Organizada por Casseb-Galvão, Barros e Bertoque (2022), a obra *Construções de voz no português brasileiro: norma, uso e funcionalidade*, publicada pela editora Cegraf UFG, trata das vozes verbais no português do Brasil em uma perspectiva cognitivo-funcional, preocupando-se, principalmente, em considerar as experiências que o usuário tem com a língua e o modo como tais experiências moldam a estrutura linguística. Assim, o livro está comprometido em analisar o

¹ Graduanda em Letras na Universidade Estadual Paulista, câmpus de São José do Rio Preto. Contato: mariane.salton@unesp.br.

² Mestrando em Estudos Linguísticos na Universidade Estadual Paulista, câmpus de São José do Rio Preto. Contato: pablo.jardel@unesp.br.

CONSTRUÇÕES DE VOZ NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: NORMA, USO E FUNCIONALIDADE
impacto que os aspectos semânticos-pragmáticos (e cognitivos) têm sobre as construções de voz (CV)³, o que revela a importância do trabalho no âmbito dos estudos linguísticos.

Para cumprir seus objetivos, os organizadores dividem a obra em seis capítulos, cada qual abordando diferentes dimensões do fenômeno investigado, quais sejam: sua definição, sua organização em redes, bem como suas possíveis classificações (ativa, passiva, média, impessoal e adjetival).

Para iniciar a obra, é apontado em sua introdução que as grandes variantes de vozes, essenciais para o entendimento da língua, são frutos de uma perspectivação do ângulo pretendido para expor determinado acontecimento experienciado no cotidiano a partir de uma organização mental que pressupõe uma pragmática atualizada dos eventos.

Visto que a ênfase dada pela tradição gramatical sobre a voz é pouco esclarecedora, a obra elenca alguns fatores contribuintes para essa problemática, que são os seguintes:

- (i) falta de uma definição da voz;
- (ii) divergência na classificação e nos tipos de voz;
- (iii) insistência na sua classificação centrada na forma verbal e na sua posição em relação ao sujeito;
- (iv) inclusão no âmbito reflexivo de todos os usos pronominais;
- (v) equivalência entre impessoalidade e passividade;
- (vi) distinção de tipos de voz pelo critério inversão de lugares na oração;
- (vii) restrição da voz ativa a verbos de ação;
- (viii) crença de que certos pronomes estão apenas agregados a alguns verbos, sem expressar qualquer significação (Casseb-Galvão et al., 2022, p. 18).

Pelos fatores elencados, é nítido o tratamento inconsistente (e pouco claro) dado às construções de voz pelas gramáticas tradicionais, denunciando a falta de adequação desse tipo de abordagem responsável pelo estabelecimento das possíveis explicações do fenômeno. De acordo com Casseb-Galvão, Barros e Bertoque (2022), as definições oferecidas pela tradição são incompletas, uma vez que apenas a voz ativa exibe uma forma própria, diferentemente das vozes passiva, média, reflexiva e recíproca, que, segundo as autoras, compartilham aspectos

³ Nesta resenha, a expressão construções de voz é abreviada por CV.

estruturais. Para suprir essas lacunas, o livro destaca a importância dos seguintes aspectos:

- (i) O reconhecimento da transitividade como um macro fator de correlação aos tipos de voz;
- (ii) A distinção entre voz passiva, reflexiva e média e os domínios semânticos passividade, reflexividade, medialidade e impessoalidade;
- (iii) A necessidade de abordagem da voz média a partir da noção de medialidade, um domínio semântico constitutivo da base conceptual do usuário da língua;
- (iv) O não reconhecimento da existência de passivas sintéticas no PB;
- (v) O reconhecimento e a distinção da voz impessoal no PB (Casseb-Galvão et al., 2022, p. 19).

O que é voz? O primeiro capítulo se inicia com o estabelecimento da relação sujeito e verbo, trazendo a organização predicativa das orações do PB. Para tanto, a subdivisão de vozes em ativa, passiva, impessoal, média e adjetival tem como função representar as diferentes perspectivas do evento descrito, em que o fenômeno multifuncional destas vozes acaba por apresentar, em sua organização, uma complexa constituição que traz motivações pragmáticas e semânticas, expondo explicitamente as variáveis possíveis da língua. As interfaces sintático-semântica e pragmático-discursiva dentro do domínio cognitivo demonstram a funcionalidade específica, de modo não apenas em aspectos estruturais, mas sim trazendo diferentes perspectivas e relações do mundo. Dessa forma, há um acionamento de processos de organização gramatical, como transitividade e atribuição de funções semânticas, por exemplo, o que destaca a importância de que a voz não é somente uma propriedade do verbo, mas uma propriedade da oração como um todo. Afinal, como já explicitado, são as diferentes vozes que mostram diferentes perspectivas sobre um dado evento do mundo descrito.

De acordo com Casseb-Galvão, Barros e Bertoque (2022), na base da estruturação da voz reside a noção de diátese, que se relaciona à subcategorização das possíveis construções diferentes de natureza verbal, de modo a fazer o encaixe perfeito entre diferentes estruturas predicativas.

Continuadamente, a perspectiva, a transitividade e a constituição multifatorial da voz contribuem para o caráter complexo das CVs do PB. Dadas suas características sintáticas, semânticas e pragmáticas, esses conceitos trazem consigo uma ampla complexidade do funcionamento da linguagem, de modo que residem nas ancoragens enunciativas das orações e demonstram as diferentes percepções dos acontecimentos.

Considerando os apontamentos acima sobre transitividade, percebe-se que a detransitividade é uma subcategoria de extrema importância para a análise e percepção das distintas classes de vozes, sendo que, baseado na proposta de Hopper e Thompson (1980), as autoras chegaram à conclusão de que:

Ativa > Média _[MÉDIA > REFLEXIVA > RECÍPROCA] > Passiva > Impessoal > Adjetival
+transitiva
-Transitiva detransitiva

Fonte: Casseb-Galvão, Barros e Bertoque (2022, p. 42)

Assim, dentro do contínuo da transitividade, propõe-se dois extremos, sendo que a voz ativa é mais transitiva quando comparada às vozes média, passiva, impessoal e adjetival. Isso mostra que é possível fazer uma correlação entre as diferentes categorias de voz e as propriedades de transitividade das orações, tais como semântica do predicado, tipos de participantes, etc.

De modo a caracterizar a *rede construcional da voz*, o capítulo dois demonstra a dificuldade na distinção das vozes, visto que se pressupõe que o usuário da língua tenha uma gramática internalizada em redes, havendo, assim, uma interconexão dos diferentes níveis pragmáticos, discursivos, semânticos e morfossintáticos encontrados nas orações. Condizente com a teoria construcional, a voz é entendida pelas autoras como um pareamento de forma e função, em que o esquema cognitivo representa o domínio semântico, assim como a transitividade e a combinação hierárquica dos elementos da cadeia relacionam-se com o domínio sintático (Casseb-Galvão et al., 2022). Assim, esse pareamento é fundamental para o estabelecimento das possibilidades de voz, em que sua função é escolhida dada sua intenção de fala, o que modifica, respectivamente, sua forma.

A voz ativa, explanada no capítulo três, inicia uma série de capítulos referentes às distintas subcategorias denominadoras dos tipos de voz (ativa, passiva, média, impessoal e adjetival) que seguirão no decorrer da obra. Para tanto, o capítulo de Casseb Galvão (2022) defende que a voz ativa é aquela responsável pela constituição sintática e semântica básica, em que as demais vozes são elaboradas a partir desta. Essa visão, no entanto, parece basear-se em uma leitura transformacional (gerativa) do conceito. Diferentemente da voz passiva, a ativa está a serviço da agentividade, uma vez que a função tópica é atribuída ao agente. Essa denominação se dá pelo fato de que “o evento descrito é tratado como uma ação” (Casseb Galvão, 2022, p. 61). Esse tipo de construção é ilustrado pelo seguinte exemplo:

(1) preparava lanche levava lanche pro colégio aí vinha um pedia eu dava tipo assim eu dava lanche pra todo mundo... (Casseb-Galvão, 2022, p. 66).

Em (1), no bloco *eu dava lanche pra todo mundo*, o SN sujeito *eu* exerce a função semântica de agente, que é reconhecido, em situações prototípicas, como [+ animado/ + controle/ -afetado], e o SN objeto *lanche*, de paciente, sendo [afetado/ não controlador].

Observando que a voz passiva é “grupo oracional que se organiza para dar destaque ao argumento afetado” (p. 75), o capítulo 4, intitulado *A voz passiva*, começa a sua reflexão a partir de um questionamento de Keenan e Dryer (2006, p. 326), que assim se enuncia: “o que há nas passivas que as torna visivelmente distintas, na forma de superfície, das ativas básicas?”. A partir disso, o texto salienta a complexidade que se apresenta entre os aspectos sintáticos-semânticos e as determinações pragmáticas da categoria de voz, pontuando que nem todas as línguas fazem a distinção dessa categoria em sua sintaxe (Bertoque, 2022, p. 45), o que assinala a importância de um ponto de vista translinguístico na compreensão dos aspectos funcionais e formais desse tipo voz.

Baseada em Camacho (2022b), Bertoque (2022) distingue a voz “passiva básica” como uma organização oracional estruturada por um sujeito afetado e um verbo auxiliar flexionado (finito) mais um verbo lexical no particípio passado, seguido, opcionalmente, de sintagma preposicionado de carácter agentivo. A

autora pontua, ainda, que a passiva possibilita a atribuição da função de sujeito ao paciente do evento, razão pela qual sintaticamente essa construção, no PB, pode ser configurada com ou sem sintagma preposicionado, como ilustram os seguintes exemplos oferecidos pela autora:

- (2) Estudante é esfaqueado por garoto de 14 anos.
- (3) ... minha cunhada foi criada bem dizê num berço de oro... (Bertoque, 2022, p. 79).

Semanticamente, na oração passiva em (2), o verbo principal é transitivo e designa uma ação sobre a qual o NP sujeito não tem controle. Na verdade, o sujeito é afetado e o SP é o agente. Em (3), a oração passiva é detransitiva porque o grau de transferência é menor, de modo que se suprime o SP agente. De acordo com Bertoque (2022, p. 79), a diferença entre esses tipos de configuração relaciona-se a fatores de ordem pragmática. Assim, no primeiro caso, é interessante para o falante expressar a entidade instigadora do evento; o que não ocorre no segundo, que ocasiona diferentes mensagens expressas pelo escritor ao seu leitor.

No dizer da autora, a construção passiva é a voz que perspectiviza o participante afetado no estado-de-coisas, uma vez que é nela em que se atribui a função de tópico ao paciente. Além desses fatos, o capítulo salienta ainda que essa configuração não é simplesmente uma inversão da voz ativa, não sendo, portanto, apenas uma opção formal da língua, mas sim uma operação motivada pragmaticamente. Para tanto, essa motivação é elemento fundamental para a relação de entendimento entre escritor e leitor.

O capítulo 5, intitulado *O domínio da voz média*, se inicia com a afirmação de que “a definição e a distinção da voz média não são tarefas fáceis” (Barros, 2022, p. 91), uma vez que, como o próprio nome indica, ela está “no meio” de outras configurações de construções de voz. Com essa afirmação, Barros (2022), autora do capítulo, já deixa clara a complexidade desse tipo de construção. Entre alguns pontos destacados pela autora acerca das reflexões sobre a voz média, merece destaque o fato de que, tradicionalmente, as construções classificadas como reflexivas são, na maioria dos casos, na verdade médias. É precisamente isso que favoreceu o negligenciamento do estudo (e do reconhecimento) dessa voz. Outro ponto destacado por Barros (2022) é que as construções de voz média

apresentam semelhanças funcionais e estruturais com as vozes reflexiva, recíproca, impessoal e passiva.

Depois dessas constatações, a autora diz que não é fácil chegar a uma definição funcional (semântica) e formal de voz média, de modo que, segundo ela, alguns estudiosos caracterizam esse tipo de voz por meio da concepção semântica do sujeito enquanto centro do processo descrito pelo verbo. Isso se equaciona mais ou menos à noção de afetamento/envolvimento, aspecto básico no entendimento da voz média. Decorre dessa complexidade, então, a admissão de que o domínio da medialidade não é um tipo individual, mas um amplo domínio de medialidade, que lida com diferentes mecanismos de configuração predicativa do sujeito, a reciprocidade, a reflexividade e a medialidade propriamente dita. Mas é a centralidade do processo verbal no sujeito que caracteriza essa voz, independentemente de sua configuração morfosintática. Com relação aos seus subtipos, Barros (2022) considera que o domínio médio engloba: a média propriamente dita (não clítica e clítica), a recíproca e a reflexiva. O seguinte exemplo, retirado da autora, exemplifica a construção de voz média propriamente dita:

(4) ... eu me apeguei muito com ela... (Barros, 2022, p. 97)

Como se pode perceber, uma das características desse tipo de configuração de voz reside no fato de o sujeito ser interior ao processo expresso pelo verbo da oração.

Como foi possível notar, o domínio da voz média envolve muitas complexidades, sobretudo pelo fato de ele partilhar aspectos com domínios passivo e reflexivo. A noção de afetamento, que segundo a autora é central no domínio da medialidade, a aproxima conceitualmente da voz passiva. E o fato de o sujeito ser interior ao processo verbal, por outro lado, a aproxima da voz reflexiva.

O sexto e último capítulo, chamado *As vozes recíprocas, impessoal e adjetival*, trata, de forma sumária, dos três subtipos restantes da categoria. Ao iniciar, Casseb-Galvão (2022) afirma que as construções de voz recíproca destoam bastante dos demais tipos porque a sua caracterização é extremamente

CONSTRUÇÕES DE VOZ NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: NORMA, USO E FUNCIONALIDADE contextual, já que depende, por exemplo, da semântica do verbo e da relação de dependência entre os participantes do processo verbal. É importante ressaltar que, de acordo com a autora, a estrutura da voz recíproca pode se aproximar da voz ativa ou da voz reflexiva. Essas constatações conduzem, de certa forma, ao entendimento de que esse tipo de voz pode não ter um meio de expressão especializado no PB. Entretanto, o que vai definir esse tipo de construção é o fato de haver um compartilhamento de papéis semânticos entre o sujeito e o objeto. Os verbos de denotação recíproca são geralmente os de ações de interatividade, como “abraçar”, “discutir”, “conversar”, etc. Um dos exemplos exibidos pela autora que ilustra esse tipo de voz é visto abaixo:

(5) ... eu ele ... brincava muito né (Casseb-Galvão, 2022, p. 135).

O exemplo mostra que a construção recíproca é bastante semelhante à voz ativa. Uma das diferenças apontadas por Casseb-Galvão (2022, p. 138) entre esses dois tipos reside em seu grau de transitividade. Depois dessas considerações, a autora passa a discutir a noção de voz impessoal. Segundo ela, esse tipo é um subesquema de voz e está a serviço da organização oracional por meio da transitividade, atualizando os macroesquemas de atividade e impessoalidade. Cumpre função descritiva de evento e discursiva (realça a não pessoa). É o tipo de voz que serve à instanciação da impessoalidade, a não individualização ou desindividualização. Uma das características dessa categoria é a não expressão linguística do agente. Um caso prototípico é o seguinte:

(6) Vende-se filhotes de cachorros (Casseb-Galvão, 2022, p. 146).

Depois dessas considerações, Casseb-Galvão (2022) discute a voz adjetival. Diz a autora que esse subtipo atualiza o superesquema abstrato da transitividade em relação ao macroesquema da estatividade, que é responsável pela descrição de estado de coisas estativo-resultativo. Um dos exemplos oferecidos no capítulo é exibido abaixo:

(7) Michael Jackson está morto (Casseb-Galvão, 2022, p. 152).

Na construção adjetival, o sujeito recebe a função pragmática de tópico e pode exercer o papel semântico de experienciador, mas nunca de paciente, uma vez que esse tipo de construção não pressupõe um elemento agentivo.

Com base no que foi apontado acima, constata-se que a obra *Construções de voz no Português Brasileiro: norma, uso e funcionalidade* (Casseb-Galvão et al., 2022) proporciona reflexões sobre aspectos pertinentes acerca do sistema de voz no português do Brasil. Uma das grandes contribuições que merece destaque é o reconhecimento e o entendimento da chamada voz média, historicamente ignorada pelos compêndios gramaticais.

Como citar este artigo?

SALTON, M., ROSARIO, P. J. O. do. *Construções de voz no Português Brasileiro: norma, uso e funcionalidade*. Mosaico, São José do Rio Preto, v. 22, n. 01, p. 357-366, 2023.

Referências

BARROS, Deborah Magalhães de. O domínio da voz média. *In: CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina; BARROS, Deborah Magalhães de; BERTOQUE, Lennie Aryete Dias Pereira. Construções de voz no Português Brasileiro: norma, uso e funcionalidade*. 1. ed. Goiânia: Cegraf, 2022, p. 91-132.

BERTOQUE, Lennie Aryete Dias Pereira. A voz passiva. *In: CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina; BARROS, Deborah Magalhães de; BERTOQUE, Lennie Aryete Dias Pereira. Construções de voz no Português Brasileiro: norma, uso e funcionalidade*. 1. ed. Goiânia: Cegraf, 2022, p. 75-89.

CAMACHO, Roberto G. Construção de voz. *In: ABAURRE, B. M.; RODRIGUES, A. C. S. R. (Org.). Gramática do Português Falado*. v. 8. Campinas: Editora da Unicamp, 2022b, p. 227-316.

CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina; BARROS, Deborah Magalhães de; BERTOQUE, Lennie Aryete Dias Pereira. *Construções de voz no Português Brasileiro: norma, uso e funcionalidade*. 1. ed. Goiânia: Cegraf, 2022.

CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina; BARROS, Deborah Magalhães de; BERTOQUE. O que é voz? *In: CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina; BARROS, Deborah Magalhães de;*

CONSTRUÇÕES DE VOZ NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: NORMA, USO E FUNCIONALIDADE
BERTOQUE, Lennie Aryete Dias Pereira. *Construções de voz no Português Brasileiro: norma, uso e funcionalidade*. 1. ed. Goiânia: Cegraf, 2022, p. 21-51.

CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina; BARROS, Deborah Magalhães de; BERTOQUE. Rede construcional da voz. *In: CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina; BARROS, Deborah Magalhães de; BERTOQUE, Lennie Aryete Dias Pereira. Construções de voz no Português Brasileiro: norma, uso e funcionalidade*. 1. ed. Goiânia: Cegraf, 2022, p. 53-59.

CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. A voz ativa. *In: CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina; BARROS, Deborah Magalhães de; BERTOQUE, Lennie Aryete Dias Pereira. Construções de voz no Português Brasileiro: norma, uso e funcionalidade*. 1. ed. Goiânia: Cegraf, 2022, p. 61-73.

CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. As vozes recíproca, impessoal e adjetival. *In: CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina; BARROS, Deborah Magalhães de; BERTOQUE, Lennie Aryete Dias Pereira. Construções de voz no Português Brasileiro: norma, uso e funcionalidade*. 1. ed. Goiânia: Cegraf, 2022, p. 133-157.

KEENAM, Edward L.; DRYER, Matthew. Passive in world's languages. *In: SHOPEN, Timothy. Language Typology Syntactic Description*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 325-361.